

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

LUCIMARA SIMÃO DA ROCHA

**A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES AFETIVAS ENTRE
PROFESSOR E ALUNO NO PROCESSO COGNITIVO**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2013

LUCIMARA SIMÃO DA ROCHA

A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES AFETIVAS ENTRE PROFESSOR E ALUNO NO PROCESSO COGNITIVO

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Umuarama, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador: Prof. Me. Cidmar Ortiz dos santos

MEDIANEIRA

2013



Ministério da Educação
Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Diretoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Especialização em Educação: Métodos e Técnicas
de Ensino



TERMO DE APROVAÇÃO

A Importância das Relações Afetivas Entre Professor e aluno no Processo
Cognitivo

Por

Lucimara Simão da Rocha

Esta monografia foi apresentada às..... h do dia..... **de..... de 2013** como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Umuarama, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho

Prof. Me. Cidmar Ortiz dos Santos
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientador)

Prof. João Enzio Gomes Obana
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. Ma. Marlene Magnoni Bortoli
UTFPR – Câmpus Medianeira

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso -

Para Diego, meu eterno amor.

AGRADECIMENTOS

A Deus pelo dom da vida, pela fé e perseverança para vencer os obstáculos.

Aos meus familiares, pela orientação, dedicação e incentivo nessa fase do curso de pós-graduação e durante toda minha vida.

Ao meu orientador professor Me. Cidmar Ortiz dos Santos pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“Eles ergueram a torre de Babel para escalar
o céu; mas Deus não estava lá!
Estava ali mesmo entre eles, ajudando a
construir a torre!”(MÁRIO QUINTANA)

RESUMO

ROCHA, Lucimara Simão da. A importância das relações afetivas entre professor e no processo cognitivo. 2013. 37. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

Este trabalho através de uma revisão de literatura teve como foco a importância de construir relações afetivas entre os sujeitos (professor-aluno) para que se efetive a aprendizagem. São destacadas as contribuições da afetividade do professor para com o aluno, da escola, dos vínculos familiares e da afetividade como sujeito influenciador na aprendizagem. Assim, pode ser encontrado diversos quesitos, que somente dão resultados se estiverem sendo trabalhados em conjunto. Envolvendo todos os participantes na vida do aluno. Deste modo, para que se concretize um aprendizado de forma eficaz, é necessário que haja uma parceira entre a família e a escola.

Palavras-chave: Afetividade. Motivação. Escola. Família.

ABSTRACT

ROCHA, Lucimara Simão da. The importance of affective relationships between teacher and cognitive process. 2013. 37. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013

This paper through a literature review focused on the importance of building personal relationships between subjects (teacher-student) to become effective learning. Is highlighted the contribution of affection for the teacher with the student, school, and family ties of affection as subject influencer in learning. So many questions can be found, that only give results if here and worked together. Involving all participants in the student's life. Thus, in order to be a concrete learning effectively, there needs to be a partnership between home and school.

Keywords: Affectivity. Motivation. School. Family.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 PROCEDIMENTO METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	11
3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....	12
3.1 AFETIVIDADE.....	13
3.1.1 Afetividade na Escola.....	16
3.1.1 Afetividade na sala de aula: professor x aluno.....	17
3.2 AFETIVIDADE E COGNIÇÃO.....	20
3.2.1 Afetividade na Família.....	24
3.2.2 Relação Entre a Família e a Escola.....	26
3.3 AFETIVIDADE INTERFERINDO NA APRENDIZAGEM.....	29
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	31
REFERÊNCIAS.....	32

1 INTRODUÇÃO

A aquisição da aprendizagem durante todo o percurso da vida humana, se efetiva mediante a um importante acontecimento, que segundo Silva e Schneider (2007), inicia-se partir das primeiras relações afetivas da criança, voltada diretamente no desenvolvimento emocional e afetivo, na socialização, nas interações humanas, como também na aprendizagem.

O ser humano é um ser social e tem a necessidade de estabelecer diversas relações entre si, isso acontece por meio de diversos grupos de pessoas. Esse convívio constitui situações que proporciona condições que nos leva a erros e acertos e, através disso conseguimos construir a nossa personalidade. Sendo que as relações humanas, são capazes de realizar mudanças na originalidade pessoal, tanto no nível profissional como no comportamental. Aferindo assim, a importância da relação entre professores e alunos em sala de aula, sendo que é por intermédio dessas modificações comportamentais da área afetiva, que a escola contribui para a implementação dos valores e ideais da instituição.

Desse modo, verifica-se a relevância da atuação dos professores nas escolas, enquanto intermediador do conhecimento que para Lopes (2009), muitos deles não se dão conta da importância que o seu papel representa na vida dos alunos. Nesse sentido, um ponto que o presente trabalho quer ressaltar é a significância do modo com que o professor constrói laços afetivos com os alunos para que a aprendizagem aconteça expressivamente. A partir dessa construção, o sujeito começa a interagir socialmente, por meio da mediação e da internalização, sendo pontos fundamentais para a aprendizagem. Vygotsky (1994) destaca que essas interações sociais propiciam a construção do conhecimento, bem como do desenvolvimento através da interação social. Dessa forma, é evidenciado a importância de um segundo sujeito no processo de construção do conhecimento.

Um dos principais temas preocupantes que permeia todo o contexto escolar é sobre as relações afetivas existente entre professores e alunos, que tem como palco, as instituições como meio de internalizar a aprendizagem para que o aluno possa reproduzi-lo socialmente. Observa-se desse modo, que muitas vezes esse processo não ocorre dentro do esperado ou então nem acontece. Portanto, surge o interesse de estabelecer uma reflexão profunda sobre o assunto.

A escola é o espaço que apresenta toda a construção do conhecimento do sujeito que nela se insere. Será que a forma como o conhecimento é transmitido para o sujeito faz diferença em seu aproveitamento intelectual? E isso basta para o aluno? Como deve ser a relação de aprendizagem? No entanto, para entender de uma forma mais elaborada, se faz necessário a discussão da abordagem da prática escolar no transcorrer do trabalho.

Por fim, através de um trabalho que se sujeita em uma pesquisa bibliográfica, pretende-se abordar a importância da afetividade entre professor e aluno para a aquisição da aprendizagem.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Neste capítulo apresentaremos os conceitos metodológicos deste trabalho. A pesquisa é uma pesquisa bibliográfica, pois segundo Tassoni (2000), toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das alterações sociais, através da interação vincular, e que a aprendizagem escolar envolve alunos, professores, conteúdo escolar, livros e escrita, não ocorrendo somente no cognitivo, havendo uma base afetiva que permeia essas relações.

Para Carvalho e Faria (2010), o professor deve conhecer os alunos, sua família, a comunidade, analisar a escola onde trabalha, assim como conhecer tudo o que se apresenta como problema. Seguidamente a isso, entra o afeto, onde o professor reconhece os alunos como indivíduos autônomos, com suas diferenças e frustrações, para poder trabalhar com as ações diretas, desenvolvendo o aprendizado. Segundo Amorelli (2004), o aprender depende de três fatores igualmente importantes, primeiramente, a pessoa precisa querer aprender, pois o conhecimento que o professor pretende transmitir precisa ter algum significado ao aluno. Em segundo lugar, precisa possuir as condições físicas e emocionais necessárias ao aprendizado, e em terceiro lugar, precisa estar disposto a empregar o esforço necessário a aprender.

Assim, para buscar conhecimento acerca da afetividade no processo cognitivo, é necessário apresentar as relações afetivas existente entre os sujeitos envolvidos no ensino e na aprendizagem. Após a análise das literaturas pertinentes, o material levantado foi descrito no trabalho de forma sistematizada.

3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Vários são os autores que contribuíram para os estudos voltados a afetividade humana. Pinto (2006) define a afetividade como sendo uma dimensão da psique humana, que engloba ao conjunto complexo e dinâmico de emoção e sentimento, no qual a emoção recebe um caráter corpóreo e brusco, enquanto o sentimento passa a ser caracterizado como algo subjetivo e atenuado. Diante disso, Kiechoefel (2011) acrescenta sobre o conceito de afetividade, que todas as descrições convergem para os sentimentos envolvidos nas relações que estabelecemos com o outro.

A afetividade é um composto que conduz a sociedade através das relações interpessoais, que envolve também a vida escolar. Silva e Schneider (2007) dizem que a relação entre professor e aluno exerce grande importância para a construção do conhecimento, para o desenvolvimento da inteligência emocional e para o processo avaliativo da aprendizagem.

Dessa forma, pode ser considerado o meio escolar como um lugar no qual ocorre o desenvolvimento afetivo, cujo foco volta-se ao crescimento intelectual do sujeito, sendo caracterizado por especificidades individuais. Quem confirma isso é Lopes (2009), cada ser humano durante toda a sua vivência, constrói um modo de relacionar-se com o outro, com base em suas experiências de vida, e que o comportamento diante de o outro depende da natureza biológica e da cultura, que o formou como sujeito. Diante disso, se torna importante entender a heterogeneidade da sala de aula.

Wallon em seus estudos relacionados à emoção e a afetividade, afirma que a afetividade é de fundamental importância para a formação e o desenvolvimento intelectual. Segundo Tassoni (2000) sobre a teoria de Wallon, atribuem as emoções, um papel primordial na formação da psique, sendo que as relações da criança com o mundo exterior são relações de sociabilidade desde ao nascer. E é na escola que grande parte dessa socialização acontece.

As primeiras experiências escolares exercem grande significado, caso ela seja bem sucedida, o aluno irá construir uma representação positiva de si mesmo, sendo capaz de aprender, Caso contrário, Souza et al. (s/n) o aluno não terá interesse e a motivação em aprender. No entanto, a afetividade concebe o cerne

para que a prática educativa seja estabelecida significativamente, favorecendo a aprendizagem, Souza et al.(s/n), diz que essa prática educativa tem que ser efetuada numa escola, que tem como o objetivo, a formação do cidadão capaz de atuar e transformar a realidade. Para que isso aconteça, é necessário a existência de uma relação entre professor e aluno, sendo que é imprescindível que o professor reconheça e aceita a criança como um ser individual, com característica única.

Sendo assim, Souza et al. (s/n), enfatiza a relação entre professor e aluno em detrimento de o professor se fonte privilegiada no momento que proporciona satisfação ou sofrimento ao aluno, porém o aluno também pode ter o mesmo sentimento de satisfação ou sofrimento pela figura do professor, em relação a realização de suas atividades. Nesse sentido, vai haver a troca de reciprocidade entre ambos, cujo interesse está no reconhecimento ou não dos alunos em realizar as atividades.

Por isso, há a necessidade de enfatizar que a afetividade não é somente dar afeto e carinho, é importante manter o comprometimento com a prática pedagógica. E a reflexão sobre a interação professor- aluno permeia toda a construção de uma aprendizagem concreta.

3.1 AFETIVIDADE

Encontra-se na literatura uma imensa divergência quanto à conceituação dos fenômenos afetivos que, eventualmente, é utilizado os termos afeto, emoção e sentimento, como sendo sinônimos (TASSONI, 2000). Para o mesmo autor, na maioria das vezes a emoção está relacionada ao componente biológico do comportamento humano, voltado a uma agitação de ordem física. Enquanto a afetividade abrange um significado mais amplo, referindo-se às vivências dos indivíduos e às formas de expressão mais complexas e essencialmente humanas.

Pino (1997, p.128) esclarece que o fenômeno afetivo é voltado às experiências subjetivas, que mostram a forma como cada sujeito “é afetado pelos acontecimentos da vida, ou melhor, pelo sentido que tais acontecimentos têm para ele”. No entanto, Pino afirma que:

os fenômenos afetivos representam a maneira como os acontecimentos repercutem na natureza sensível do ser humano, produzindo nele um elenco de relações matizadas que definem seu modo de ser no mundo. Dentre esses acontecimentos, as atitudes e as reações dos seus semelhantes a seu respeito são, sem sombra de dúvidas, os mais importantes, imprimindo às relações humanas um tom de dramaticidade. Assim sendo, parece ser mais adequado entender o afeto como uma qualidade das relações humanas e das experiências que elas evocam. São as relações sociais, com efeito, as que marcam a vida humana, conferindo ao conjunto da realidade que forma seu contexto um sentido afetivo (Pino, 1997, p.130).

Os fenômenos afetivos para Tassoni (2000), mesmo sendo de natureza subjetiva, não os tornam independente da ação do meio sociocultural, pois relacionam-se com a qualidade das interações entre os sujeitos, enquanto experiências vivenciadas. Assim, supõe-se que essas experiências vão marcar e conferir aos objetos culturais em sentido afetivo.

Wallon (1968) apresenta uma distinção entre emoção e afetividade. Segundo o mesmo autor, as emoções são as manifestações de estados subjetivos com um componente orgânico (origem biológica). Como no caso das contrações musculares ou viscerais que são sentidas e comunicadas através do choro, significando fome. Enquanto a afetividade envolve uma ampla manifestação, englobando sentimentos de origem psicológica. O afeto corresponde a um período avançado no desenvolvimento da criança, ou seja, quando surgem os elementos simbólicos. A partir desses elementos simbólicos ocorre à transformação das emoções em sentimentos, que ao ser transferido para o plano mental, confere aos sentimentos certa durabilidade.

Essa teoria para Wallon era defendida como teoria da emoção e do caráter. A afetividade para ele tem papel fundamental no desenvolvimento da personalidade, pois é o primeiro domínio funcional percorrido pela criança (Wallon, 1986). Assim Uller (2007), no intuito de compreender a formação da pessoa, relata que Wallon constrói uma teoria de desenvolvimento da personalidade compreendida a partir da afetividade e da inteligência, em que, a afetividade se volta para a construção da pessoa, do sujeito, e a inteligência para a construção do objeto.

Tassoni (2000), e seus estudos sobre a aprendizagem revelam que esse processo ocorre em decorrência de interações sucessivas entre as pessoas, a partir de a relação vincular, portanto, é através do outro que o indivíduo adquire novas formas de pensar e agir, dessa forma, constrói novos conhecimentos.

Vygotsky (2003) discorre sobre a afetividade afirmando que, só se pode compreender adequadamente o pensamento humano quando se compreende a sua base afetiva. Acredita que pensamento e afeto são indissociáveis. Sendo o homem produto do desenvolvimento de processos físicos e mentais, cognitivos e afetivos, internos e externos. No que se refere às emoções, conforme o homem aprimora o controle sobre si mesmo, mudanças qualitativas ocorrem no campo emocional (SILVA; SCHNEIDER, 2007).

Para Rego (1997, p. 122), sobre Vygotsky relata que “são os desejos, necessidades, emoções, motivações, interesses, impulsos e inclinações do indivíduo que dão origem ao pensamento e este, por sua vez, exerce influência sobre o aspecto afetivo-volitivo. Assim, cognição e afeto não são dissociados do ser humano, eles se inter-relacionam e exercem influências recíprocas ao longo do seu desenvolvimento (SILVA; SCHNEIDER, 2007).

Arantes (2003) comenta acerca da importância da afetividade segundo a teoria de Vigotsky, o ser humano da mesma forma que aprende a agir, a pensar e a falar, por meio do legado de sua cultura e da interação com os outros, aprende a sentir. Esse aprendizado sobre emoções e afeto inicia-se na criança nas primeiras horas de vida e se estende por toda a sua existência.

Diante do conteúdo exposto, Silva e Schneider (2007) reafirma a importância da afetividade não somente na relação professor-aluno, mas também como estratégia pedagógica. Um professor que é afetivo com seus alunos estabelece uma relação de segurança e evita bloqueios afetivos e cognitivos, favorece o trabalho socializado e ajuda o aluno a superar erros e a aprender com eles. Como na perspectiva sociointeracionista, onde a criança aprende com os membros mais experientes da sua cultura. Sendo assim, se o professor for afetivo com seus educandos, a criança irá aprender a ser também.

3.1.1 Afetividade na Escola

A escola é um ambiente de importante representação na vida dos que a frequentam, pois é um espaço em que os conhecimentos, os valores e a cultura da sociedade são compartilhados (Britto; Kassis, 2011). Para Rego (2003, p. 22),

é nesse espaço físico, psicológico, social e cultural que os indivíduos processam o seu desenvolvimento global, mediante as atividades programadas e realizadas em sala de aula.

A escola, além de envolver uma gama de pessoas com características diferenciadas, inclui um número significativo de interações contínuas e complexas em função dos estágios de desenvolvimento do aluno. Tratando-se de um ambiente multicultural que abrange a construção de laços afetivos e o preparo para inserção na sociedade (OLIVEIRA, 2000).

Portanto, a escola é uma instituição fundamental para o indivíduo e a sua formação (DAVIES et al., 1997). Como um pequeno sistema da sociedade, ela tem que lidar com as diferentes demandas do mundo globalizado, sendo que uma de suas tarefas é preparar tanto alunos como professores e pais para viverem e superarem as dificuldades de mudanças rápidas e de conflitos interpessoais, contribuindo para o desenvolvimento do indivíduo (Dessen; Polonia, 2007).

Nesse sentido, a escola exerce uma função, talvez importante, que é de permitir que o indivíduo crie condições para sobreviver em um mundo marcado pelos conflitos de uma sociedade onde as mudanças são rápidas e frequentes (Britto; Kassis, 2011). Por isso, o ambiente para Carvalho e Faria (2010) também traz a vontade ou não de aprender. Portanto, deve-se pensar no espaço oferecido para os alunos. Em um ambiente descontraído, com cores e decorações para criar um espaço de aceitação.

Todas as escolas recebem crianças com problemas de auto-estima baixa, tristes, com dificuldades de aprendizagem, que não interagem com outras crianças, tendo como consequência a rotulação de alguns adjetivos como, complicados, sem limites sem educação. Essas crianças geralmente têm problemas de afeto (CARVALHO; FARIA, 2010).

A escola nesse caso, através de seus educadores, deve proporcionar um ambiente tranquilo e acolhedor, no sentido de amenizar a angústia do educando diante das situações, deixando-os mais a vontade (CARVALHO; FARIA, 2010).

O processo de ensino se dá a partir da realidade cultural e social dos alunos e professores, juntamente com as suas condições humanas e de trabalho. Deste modo, esse desenvolvimento tem que ser realizado nas instituições entre todos da escola, como, diretores, professores, pais, alunos e servidores administrativos, cujo foco tem que estar voltado não só para satisfazer as

necessidades básicas, como também para a construção de novas relações sociais, predominando a emoção, acompanhado do afeto, sobre as outras atividades (CARVALHO; FARIA, 2010).

Em suma, Dessen e Polonia (2007), contribuem dizendo que a escola é uma instituição em que se priorizam as atividades educativas formais, identificada como um espaço de desenvolvimento e aprendizagem junto ao currículo. Deve envolver todas as experiências realizadas nesse contexto, considerando os padrões relacionais, os aspectos culturais, os cognitivos, os afetivos e os sociais e históricos.

3.1.1.1 Afetividade na sala de aula: professor x aluno

Vygostky (1994) relata que a motivação é um dos fatores principais para o sucesso da aprendizagem e, portanto, não se pode pensar no aluno sem o professor, pois este último irá motivar o aluno a aprender, numa relação dialógica, tanto dentro da escola como fora dela. Nesse sentido (Britto; Kassis, 2011) ,vislumbra a figura do professor como aquele quem media o processo de ensino e de aprendizagem, sendo o sujeito motivador e estimulador à aprendizagem, visto que ele é o maior responsável pelas estratégias de ensino em sala de aula.

Para Amorelli (2004), não é somente utilizar-se de diversificadas estratégias de ensino, mas é necessário que os professores gostem do que fazem que se mostrem tolerantes e estimulem sua participação. Esses profissionais obtém melhores resultados do que professores competentes em sua matéria, mas frio e distantes em relação á classe. Quanto mais jovens os alunos, mais importante é o relacionamento afetivo. Um sorriso, um abraço, costuma ter efeitos positivos sobre a aprendizagem.

O professor eficiente é afetivo com seus alunos, reconhece-os como indivíduos autônomos, com uma experiência de vida diferente da sua, com direito a ter preferências e desejos nem sempre iguais aos seus sentimentos. O professor afetivo é autêntico, sabe expressar seus sentimentos e desejos de forma direta, mas sem magoar seus educandos, ele sabe que não se constroi no meio de caos, portanto, suas aulas são estimulantes. Os alunos têm consciência

dos seus limites e da necessidade de respeitarem uns aos outros (AMORELLI, 2004).

Piletti (2004, p. 79) relata que “a relação entre professores e alunos deve ser uma relação dinâmica, como toda e qualquer relação entre seres humanos”. Com isso, o professor tem que saber que seus alunos são seres humanos, não objetos que podem ser manipulados, respeitando o seu lado afetivo e os valores que já trazem consigo do ambiente externo para o escolar (AMORELLI, 2004).

Piletti (2004) ainda orienta o trabalho docente em sua interação com os alunos onde:

Três orientações básicas devem estar sempre presentes no trabalho do professor, em sua interação com os alunos: ao invés de punir o comportamento destrutivo, estimular e incentivar o comportamento construtivo; ao invés de forçar a criança, orientá-la na execução das atividades escolares, ouvindo o que ela tem a dizer, evitar a formação de preconceitos, por meio da observação e do diálogo constantes, que permitem ao professor constatar as mudanças que estão ocorrendo com o aluno e compreender seu desenvolvimento (p. 86).

Piletti, relata que quando o professor sabe trabalhar com as relações afetivas e os valores na sala de aula, todos podem crescer a partir das experiências vivenciadas. Pois nesse ambiente, o professor além de ensinar, aprende muito com os seus alunos. Desse modo, o professor deixa de ser mero instrutor para ser um educador. Assim, para que o afeto e a troca de valores transcorram de forma satisfatória na sala de aula, é necessário que o professor seja acessível ao seu aluno, instituindo uma aproximação agradável com ele.

Uma nova etapa é alcançada a partir do momento em que os alunos passam a confiar no professor, é negável que o rendimento da aprendizagem melhora, criam-se laços de respeito, de responsabilidade, movidos por uma troca significativa, onde ambas as partes se integram na busca do mesmo foco (AMORELLI, 204). Quando o professor atua nessa perspectiva de confiança, ele não é visto como um mero transmissor de conhecimento, mas como um mediador, alguém que articula as experiências do aluno com o mundo, levando-os a refletir sobre seu entorno, tendo um papel mais humanizador em sua prática docente (LOPES, 2009).

Vygotsky tem a ideia de interação social e de mediação como ponto central do processo educativo. Para o autor, esses elementos estão relacionados ao

processo de constituição e desenvolvimento dos sujeitos. Assim, Lopes (2009) mostra que a atuação do professor é primordial, já que ele exerce o papel de mediador da aprendizagem do aluno, e que certamente é muito importante para o aluno a qualidade de mediação exercida pelo professor, pois desse processo depender-se-ão dos avanços e das conquistas do aluno em relação à aprendizagem na escola. No entanto, Amorelli (2004) comenta sobre a escola como sendo o local de encontros existencial, da vivência das relações humanas, da veiculação e intercâmbio de valores e princípios da vida. Se por um lado a matéria e o conteúdo de ensino, sendo racional e cognitivamente assimilados, muitas vezes são esquecidos, por outro, o clima das aulas os fatos que nela acontecem, o assunto das conversas informais, as idéias expressas pelo professor, juntamente com os momentos e os valores que foram vividos nesse convívio, tende a ser lembrado pelo aluno durante o decorrer de sua vida, marcando sua personalidade e norteando seu desenvolvimento posterior.

Assim, para o mesmo autor, co-interagir com cada aluno em particular ao se relacionar com a classe como um todo, o professor não apenas transmite conhecimento em forma de informações, conceitos e idéias, mas também facilita a veiculação de valores e princípios de vida, que contribui para a formação do educando.

Desse modo, as relações existentes na sala de aula são de suma importância para o processo de ensino aprendizagem. Visto que essas relações podem, interagir positiva e negativamente nesse processo. Cabe então ao professor analisar de que maneira a afetividade e a construção de valores estão acontecendo nesse ambiente. Sendo que uma relação afetiva saudável torna o clima mais propício a aprendizagem (DANTAS et al., 2011).

3.2 AFETIVIDADE E COGNIÇÃO

Para Arantes (2002), pensar e sentir são ações indissociáveis. Sendo que no trabalho educativo cotidiano não há uma aprendizagem meramente cognitiva ou racional, pois os alunos e as alunas não deixam os aspectos afetivos que caracterizam sua personalidade do lado fora da sala de aula quando estão

interagindo com os objetos de conhecimento, ou então, não deixam ocultos seus conhecimentos, afetos e relações interpessoais enquanto pensam.

Desse modo, esse tópico abordará um pouco mais a história dos pensadores que postularam uma suposta dicotomia entre razão e emoção e os processos cognitivos e afetivos.

Arantes (2002) relata que devido à influência da filosofia, de onde surgiram durante décadas as teorias psicológicas, estudaram separadamente os processos cognitivos e afetivos. Para o mesmo autor, isso acontece devido à dificuldade em estudá-los de forma integrada, ou pela crença dos psicólogos e cientistas que se debruçaram sobre a temática, tal separação parece ter os conduzidos a uma visão parcial e distorcidos da realidade e no modelo educacional ainda vigente.

Com o passar do tempo novos modelos acerca da compreensão sobre o funcionamento psíquico humano foram estabelecidos.

O psicólogo Lev Semenovich Vygotsky estudou o tema entre afeto e cognição postulando que as emoções integram-se ao funcionamento mental, apresentando uma participação em sua configuração. Reconhecendo as bases orgânicas sobre as quais as emoções humanas se desenvolvem, buscando no desenvolvimento da linguagem, um sistema simbólico básico de todo os grupos humanos, no qual a linguagem configura-se como um lugar de constituição e expressão dos modos de vida culturalmente elaborados (Arantes, 2002).

Assim Vigotsky (1996), explica sua abordagem entre a cognição e a afetividade afirmando:

A forma de pensar, que junto com o sistema de conceito nos foi imposta pelo que nos rodeia, inclui também nossos sentimentos. Não sentimentos simplesmente: o sentimento é percebido por nós sob a forma de ciúme, cólera, ultraje, ofensa. Se dizemos que desprezamos alguém, o fato de nomear os sentimentos faz com que estas variem, já que mantém uma certa relação com nossos sentimentos.

Henri Wallon, filósofo, médico e psicólogo francês nos trouxe significativas contribuições acerca da emoção, reconheceu na vida orgânica as suas raízes. Esteve interessado segundo Arantes (2002), em compreender o psiquismo humano, criticando as teorias clássicas entre si, que concebem as emoções ou reações incoerentes e tumultuadas, cujo efeito na atividade motora e intelectual é

perturbador, ou como reações positivas, cujo poder sobre as reações é ativador, energético. Wallon rompe com uma visão valorativa da emoção e busca compreendê-la a partir da apreensão de suas funções, atribuindo um papel primordial na evolução da consciência, concebendo as emoções como sendo um fenômeno psíquico, social e orgânico.

Wallon (1986), mostra que a emoção e a afetividade estão interligadas ao relatar:

A comoção do medo ou da cólera diminui o sujeito se esforça para definir-lhe as causas. Um sofrimento físico, que procuramos traduzir em imagens, perde algo de sua agudez orgânica. O sofrimento moral, que conseguimos relatar a nós mesmo, cessa de ser lancinante e intolerável.

Na visão da genética de Wallon, a inteligência e a afetividade estão interligadas, ou seja, a evolução da afetividade depende das construções realizadas no plano da inteligência, do mesmo modo que a evolução da inteligência depende das construções afetivas (ARANTES, 2002).

Outros autores apontam trabalho para a conexão entre os aspectos afetivos e cognitivos, como, LeDoux 1993; Greenberg 1996 e Fridja et al. 2000. Espindola (2004, p. 1), considera o desenvolvimento intelectual contendo dois componentes, sendo eles, o cognitivo e o afetivo. “O desenvolvimento afetivo se dá paralelamente ao cognitivo e tem uma profunda influência sobre o desenvolvimento intelectual”. Dolle também comenta sobre a importância dos componentes afetivos nas relações com o objeto de conhecimento e afirma: “o tipo de relação que se vai estabelecer com esses elementos (objetos, pessoas, regras institucionais) vai depender do aspecto de si mesmo com que estiver interagindo” (DOLLE, 1993, p.38). No entanto, Uller (2007), permite-se dizer que as relações entre as pessoas vão demandar que o sujeito empregue mais componente afetivo do que o cognitivo. Ao mesmo tempo, o objeto que está sendo focalizado, nesse caso, o conteúdo escolar, é o componente cognitivo que vai ter predominância sobre o afetivo, porém, os dois componentes estão agindo conjuntamente. Dolle (1993, p.38) acrescenta dizendo: tudo depende, portanto, da natureza da interação estabelecida no contexto particular da situação em que ele se coloca no meio da referência.

A partir dessa referência, Uller (2007) afirma que para a realização de uma ação, entram em funcionamento os instrumentos a inteligência e os da afetividade (desejo, vontade, querer). Assim, qualquer que seja a ação do sujeito, sempre estará em funcionamento à inteligência e a afetividade. Daí a indissociabilidade do cognitivo e do afetivo no desenvolvimento do sujeito na sua relação ou interação com o objeto (ULLER, 2007). Rosso (1998) ainda chama atenção para o seguinte:

Esta irreducibilidade e a inseparabilidade entre o afetivo e o cognitivo possibilitam-nos inferir que não basta pensar na aprendizagem apenas do ponto de vista energético, enfocando os elementos de ordem afetiva e motivacional, mas considerado, na mesma proporção, os aspectos relativos à estruturação mental (p. 81).

Desse modo, a estruturação mental é o processo constante de todo ser humano e a afetividade tem papel determinante na formação dessas estruturas (ULLER, 2007).

O mesmo autor destaca que afetividade e inteligência se desenvolvem juntas, durante a primeira infância. Portanto, esses termos se confundem, pois a criança a sua inteligência desenvolve a partir das interações que estabelece com o mundo que a cerca, embora sabendo que, nesta fase da criança, o objeto só existe enquanto permanecer ao alcance da sua visão. Não existe, a princípio, a idéia de permanência do objeto. É nesta fase que a afetividade está relacionada às emoções primárias da satisfação ou insatisfação, conforto ou desconforto, principalmente ligadas ao estímulo instintivo (ULLER, 2007). Acrescentando, Espíndola comenta que:

Durante o segundo ano de vida os sentimentos começam a ter um papel na determinação dos meios para alcançar os fins tanto quanto na determinação dos fins. As crianças começam a experimentar o “sucesso” e o “fracasso” do ponto de vista afetivo e a transferir afetividade a outras pessoas (ESPÍNDOLA, 2004, p.1).

Ao passo que a criança cresce, vai conseguindo a diferenciar os objetos, e com isso os objetos também diferem. O afeto passa a adquirir substancialidade, ou seja, ele existe e continua existindo mesmo que não esteja ao alcance da visão da criança. Nesse sentido, a criança vai se desenvolvendo e criando representação de suas ações, é o início da construção do pensamento e também da diferenciação de sentimento através de ações de linguagens (ULLER, 2007).

Para o mesmo autor, com relação ao desenvolvimento afetivo e cognitivo da segunda infância, o sistema de valores se aperfeiçoa e um novo sistema moral de autonomia se desenvolve. Nessa fase, crescem as relações inter individuais, ocorre uma organização dos sentimentos e pensamentos, a vontade passa a ser considerada ao equivalente afetivo das operações da razão (PIAGET, 1978).

Nessa segunda infância, a criança torna-se capaz de coordenar seus pensamentos afetivos, começa então a construir sua personalidade (ULLER, 2007). Desse modo, Moraes e Rubio (2012), revela que os vínculos afetivos se tornam cada vez mais essencial para o crescimento e o desenvolvimento global da criança tornando a educação mais abrangente, respeitando a vida da criança em todas as suas dimensões.

Assim, para Moraes e Rubio (2012), o mesmo autor, o desenvolvimento integral a criança só se torna possível com a união do conteúdo escolar e da vivência dela em outros espaços de aprendizagem, pois a relação educativa entre aprendizagem e afetividade somente ocorre se levar em conta que educar é ensinar a criança a pensar sozinha, a agir de forma emocionalmente sadia para que haja uma circulação não só de do conhecimento e do saber, mas que proporcione a eles o bem estar afetivo.

Dessa forma, a falta de afetividade pode trazer prejuízos emocionais e pedagógicos entre o aprendiz e o educador. Sobre isso Cury (2003) comenta que a educação do afeto deve ser a meta de todo educador, os educadores que não provocam a emoção das crianças, não educam, apenas as informam, assim como dar conselhos e orientações sem emoção também não gera momentos educacionais. Enquanto Golmam (1995) diz que aquelas pessoas bem preparadas emocionalmente, são capazes de controlar seus estados emocionais, têm mais facilidade de concentração, compreendem melhor os outros e também tem melhor desempenho escolar.

Para concluir esse pensamento, Moraes e Rubio (2012), relata que a afetividade traz consigo a capacidade de ampliação da interação social, reforçando as relações de amizade, proporciona uma educação com propósitos claros conferindo aos objetos do conhecimento um sentido afetivo e significativo.

3.2.1 Afetividade na Família

A família desempenha um papel decisivo na educação formal e informal da criança. Em seu espaço são absorvidos os valores éticos e humanitários, aprofundam-se os laços de solidariedade, constroem-se as marcas entre as gerações e estão presentes os valores culturais (FERRARI; KALOUSTIAN, 1994).

Para Nascimento (2006), é na família que os indivíduos se relacionam e trocam experiências, visto que ela é ao mesmo tempo, um local de conflito cooperativo e um local que determina o bem estar através da distribuição de recursos. Na família os filhos e os demais membros encontram o espaço que lhes garantem a sobrevivência, desenvolvimento, bem estar e proteção integral por meio de suportes afetivos, além dos materiais.

A vida familiar faz parte do mundo real ou simbólico de todas as pessoas e esta é marcada por valores morais, religiosos e ideológicos. Por esta razão, se faz necessário entender a família em seu conceito, função e estrutura (CAYRES, 2000).

O termo família historicamente origina-se do latim “famulus” tendo como significado, o conjunto de servos e dependentes, de um chefe senhor, que vivem sob um mesmo teto (HOUAISS, 1981). Esse termo modificou-se ao longo da história, e atualmente tem significado bem semelhante, abarcando principalmente as pessoas que vivem no mesmo domicílio, pai, mãe e filhos; ou aquelas unidas por laços afetivos de parentesco ou adoção (FERREIRA, 1999).

De acordo com Amazonas e Damasceno (2003), a família é o local que ocorre os primeiros momentos de socialização do indivíduo, atuando como mediadora dos padrões, modelos e influências culturais. É também considerada para Dessen e Polonia (2007), a primeira instituição social em conformidade com outras, visa assegurar a continuidade e o bem estar dos seus membros e da coletividade, juntamente a proteção e da criança. Kereppner (2000), acrescenta mostrando que a família é vista como um sistema social, no qual responde pela transmissão de valores, crenças e significados que estão inseridos nas sociedades. Apresenta, portanto, uma forte influência no comportamento dos indivíduos, principalmente nas crianças (DESSEN; POLONIA, 2007).

Para Dessen e Polonia (2007), a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão dentro das condições

materiais, históricas e culturais de um grupo social, já que é ela a primeira mediadora entre o homem e a cultura. Configurando-se a matriz da aprendizagem humana, com características culturais próprias que geram modelos de construção individual e coletiva, propiciando a formação de comportamentos, de ações e resoluções de problemas com significados gerais, tendo como responsabilidade individual a formação da criança e a coletiva fica para a escola.

Dessen e Polonia (2007), mostra que essas vivências integram a experiência coletiva e individual, no qual organiza, interfere e a torna uma unidade dinâmica, faz a concretização das transformações nas sociedades que, por sua vez, irá influenciar as relações familiares entre os seus membros e os diversos ambientes que formam os sistemas sociais, dentre eles, tem-se a escola.

Em relação às funções da família, Dessen e Polonia (2007) conta que a socialização da criança, o estabelecimento de uma estrutura e o firmamento das relações entre os papéis de mãe, pai, filho, irmão, esposa, marido são evidenciados, bem como dos vínculos afetivos. Os laços afetivos firmados dentro da família, principalmente entre pais e filhos, são aspectos desencadeadores de um desenvolvimento saudável que possibilita o ajustamento do indivíduo aos diferentes ambientes (EISENBERG E COLG.,1999).

As figuras parentais para Volling e Elins (1998) exercem grande influência na construção dos vínculos afetivos, do autoconceito, da autoestima e, também constroem modelos de relações que são transferidos para outros contextos e modelos de interação social. Os vínculos afetivos para Oliveira e Bastos (2000), asseguram o apoio psicológico e social entre os membros familiares, ajudando no enfrentamento do estresse provocado por dificuldades do cotidiano. E tudo isso têm acontecido nas relações familiares em que se estabelecem na sociedade atual, onde não há mais uma configuração ideal, para as inúmeras combinações e formas de interação entre os indivíduos de famílias contemporâneas. Stratton (2003) estabelece que essas famílias estão configuradas em: nuclear tradicional; recasadas; monoparental; homossexuais, dentre outras combinações. Esses arranjos familiares que vão surgindo para Dessen e Polonia (2007), provocam transformações nas relações familiares, nos papéis desempenhados pelos seus membros, nos valores e nos processos de desenvolvimento do indivíduo.

Por isso Moraes e Rubio (2012), retrata que é indispensável que os pais possam educar seus filhos com doçura, sendo coerentes e exercendo a

autoridade de pais, estabelecendo limites, com determinação e firmeza, principalmente educando-os tanto para o sim como também para o não. Juntamente com a responsabilidade de levar a criança para a vivência na comunidade, sempre trazendo à memória, do carinho do pai, da mãe e do afeto.

3.2.2 Relação Entre a Família e a Escola

A interação entre a família e a escola não deveria ser reduzida a reuniões de pais e mestres, mas deveria contemplar toda a vida escolar da criança, havendo momentos com trocas de informações e participação do dia a dia da escola (MORAES; RUBIO, 2012). Pois quando o foco de discussão é o papel dos pais na escolarização dos filhos e suas implicações para aprendizagem, na escola, tem aspectos que precisam ser ressaltados. Sendo que, a família como incentivadora da produtividade escolar e do aproveitamento da criança e o seu distanciamento dela, pode provocar o desinteresse escolar e a desvalorização da educação (POLONIA; DESSEN, 2005).

Carvalho (2000), relata que a família é responsável pelo fracasso escolar do aluno, e a sua contribuição para o desenvolvimento e aprendizagem humana é inegável. Com isso, apresenta uma responsabilidade de socializar a criança, ou seja, incluí-la no mundo cultural através do ensino da língua materna, regras de convivência em grupo, somando a educação geral e parte da formal, em contribuição com a escola. Que também tem sua parcela de contribuição no desenvolvimento do indivíduo, voltada na aquisição do saber cultural e em suas diversas áreas de conhecimento (Polonia e Dessen, 2005). Somando à isso, Ananias (2000), mostra o dever da escola em resgatar, além das disciplinas científicas e noções de ação política e a busca da cidadania. Visando não apenas a apreensão de conteúdos, mas buscar a formação de um cidadão crítico, e agente de transformação. Já que para López (1999), a família não tem condições de educar sem a colaboração da escola.

No momento em que a família e a escola mantêm boas relações, as condições para que haja o melhor aprendizado aumenta. Desse modo, pais e professores devem ser estimulados a discutirem e buscarem estratégias

conjuntas e específicas para o seu papel, que resultam boas condições de ajuda (LEITE; TASSONI, 2002). Assim, a escola deve reconhecer a importância da colaboração dos pais na história e no projeto escolar dos alunos, auxiliando as famílias a exercerem o seu papel na educação e no sucesso profissional dos filhos (POLONIA; DESSEN, 2012).

No entanto, o mesmo autor destaca, que para que exista a integração dos ambientes escolar e familiar na educação formal, é necessário um bom envolvimento entre os sujeitos, com possíveis transformações evolutivas nos níveis cognitivos, afetivos e sociais. Ensminger e Slusarcick (1992), citam cinco aspectos fundamentais para a promoção da integração entre esses dois ambientes, são eles, a integração verbal entre a mãe e a criança, um relacionamento afetivo positivo entre os pais e a criança, as crenças e as influências dos pais sobre os filhos, as estratégias disciplinares e de controle e as expectativas dos pais. Desse modo, esses aspectos influenciam a família diretamente, e a escola indiretamente, formando um espaço de investigação rico (BOCK, 2003).

Em relação à escola, a qualidade de instrução, a organização escolar, o número de alunos em sala, as metodologias de ensino, mais o apoio pedagógico fornecido aos professores são aspectos que podem contribuir para a melhoria do sistema educacional (ENSMINGER; SLUSARCICK, 1992). Porém, Polonia e Dessen (2005) comenta que mesmo quando a instituição escolar planeja e implementa um bom programa curricular, a aprendizagem do aluno só se afetiva no momento em que esta é cercada de atenção familiar e da comunidade.

Barbalome (1981), propõe que a escola e a família atuassem de forma complementar, uma vez que tanto os pais quanto os professores têm grandes responsabilidades no desenvolvimento da criança e do adolescente. Sugere também, que a escola através da reunião de pais, comunicações e projeto político pedagógico, criasse um ambiente propício e afetivo, que possibilitasse à família entender o valor da criança e o sentido de responsabilidade conjunta. Portanto, Bem-Fadel (1998) reconhece que a escola atualmente, não está ainda preparada para o envolvimento familiar como aliado da escola. Ainda para o mesmo autor, para estimular e implementar a participação dos pais, deve-se estabelecer estratégias diferenciadas. Sendo o primeiro passo para isto, é a escola. Necessitando da apresentação de padrões e formas de interação, com o intuito

de propiciar uma melhor integração, que segundo Marques (2002) engloba cinco tipos de envolvimento entre os contextos família-escola: obrigações essenciais dos pais; obrigações essenciais da escola; envolvimento dos pais em atividades de colaboração com a escola; envolvimento dos pais em atividades que afetam a aprendizagem e o aproveitamento escolar em casa e o envolvimento dos pais no projeto político da escola.

Uma parte considerável nisso tudo, é ter em mente que, em todos os tipos de envolvimento entre a família e a escola, o que é para ser levado em consideração, é a qualidade dos relacionamentos e não a quantidade (LAUREAU, 1987).

Para Polonia e Dessen (2005), diz que é importante a influência da família como agente educativo. Os pais vêm de modo positivo a sua participação no processo de educação quando se tornam aliados dos professores (CARVALHO, 2000). Diante disso, Laureau (1987), quando os professores consideram os pais como parceiros, eles desenvolvem estratégias de acompanhamento e ajuda aos filhos, promovendo uma melhor interação entre os níveis curriculares, possibilitando ao aluno, aguçar o seu potencial. Contrariamente a isso, se os professores tiverem um contato distante, baseado somente no conteúdo, os pais adotem essa postura, construindo uma relação com a escola como um momento que gera frustração.

No entanto, há a necessidade de os professores, diretores e outros segmentos da escola desenvolverem habilidades e ações que explorem os diferentes níveis de conhecimento dos pais, para uma implementação mais efetiva do envolvimento família-escola (FERREIRA; MATURANO, 2002).

Assim, a escola é uma instituição que complementa a família e ambas precisam respeitar as suas peculiaridades, pois uma depende da outra para alcançar seu objetivo maior, influir no cognitivo da criança para que ela aprenda e consiga ter um futuro proveitoso (MORAES; RUBIO, 2012).

3.2.3. Afetividade Interferindo na Aprendizagem

Quando refere-se a inteligência ou à capacidade cognitiva do ser humano, quase sempre indaga-se sobre a capacidade de aprendizagem do indivíduo diante de um determinado objeto do conhecimento (ANDRADE, 2007). Nesse sentido Visca (1987 apud ANDRADE, 2007, p.17), a aprendizagem é como um processo de adaptação ativa, onde o sujeito, frente a uma determinada situação, recebe os estímulos que se lhe apresentam e os incorporam a esquemas de conduta que resultam em situações similares, modificando tais esquemas com o fim de produzir uma conduta adequada.

Diante disso, as situações de estímulos em que o sujeito pode receber, devem ser levadas em conta às questões afetivas no processo cognitivo. Sendo de intenso interesse no estudo do afeto e sua influência no processo de aprendizagem (ANDRADE, 2007). Que para Piaget (1954), a afetividade não modifica a estrutura no funcionamento da inteligência, porém, é a energia que impulsiona a ação de aprender. Andrade comenta sobre os estudos de Dell'Agli e Brenelli (2006), mostrando que a ação, seja ela qual for, precisa de instrumentos disponibilizados pela inteligência para alcançar um objetivo, mas para isso é necessário que haja o desejo, ou seja, algo que mobiliza o sujeito em direção a este objetivo e isso corresponde à afetividade.

Dessa forma, o professor precisa estabelecer uma relação afetiva com os seus alunos e que entenda que como indivíduo, seus alunos também tem algo a oferecer, tornando a aprendizagem à intermediária das interações que são estabelecidas. Assim, o aluno que tem suas características valorizadas pelo professor, tende a aguçá-las, ao contrário daquele que se sente rejeitado ou discriminado, tende a afastar da interação, fazendo com que diminua a possibilidade de haver o desenvolvimento da aprendizagem (ANDRADE, 2007).

O método de ensinar de cada professor, o jeito de se relacionar com os alunos, e até mesmo a frequência com que fala com os alunos, o interesse e o carinho que demonstra, são ações influenciáveis em todo o desenvolvimento afetivo dos educandos em formação, tendo como consequência o desenvolvimento do autoconceito sobre a motivação e a capacidade de aprendizagem (Amorelli, 2004). Desse modo, entende-se que o enorme volume

de informações, no mundo, está fazendo com que a forma de ensinar mude, exigindo, que os educandos tenham a possibilidade de obter o conhecimento de uma forma mais motivada, crítica e criativa, com ambientes mais descontraídos, mais amigáveis, tendo como fator essencial a afetividade no ato de aprender (CARVALHO; FARIA, 2010).

Outro aspecto a ser evidenciado é a autoestima, que mantém uma estreita relação com a motivação ou interesse da criança para aprender. Para Carvalho e Faria (2010), tendo afeto, a criança apresenta melhor aprendizado, mostra melhor motivação, alcançando conquistas significativas. Já para Vygotsky (1998, p. 76), “o pensamento tem origem na esfera das motivações, a qual inclui inclinações, necessidades, interesses, impulso, afeto e emoção”. O mesmo autor ressalta ainda, dizendo que, o que nos torna humanos é a capacidade de utilizar instrumentos simbólicos para a complementação da nossa atividade, que tem bases biológicas, onde a linguagem exerce este papel de condutor e de propulsor do pensamento. O pensamento adequadamente arranjado resulta em desenvolvimento mental, sendo gerado pela motivação, isto é, pelos desejos e necessidades, pelos interesses e emoções (ANDRADE, 2007).

No entanto, os professores apresentam-se no subconsciente do aluno como modelos, como seres superiores e procura imitá-los, sendo influenciado pelos relacionamentos existente na escola (CARVALHO; FARIA, 2010). Assim, uma criança que gosta do professor vai procurar agradá-lo, isso faz com que ele consiga desenvolver o aprendizado de forma clara e com mais interesse.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como foco a afetividade existente entre o professor e o aluno, somando os fatores que influenciam na aprendizagem do sujeito. Abarcando não somente a professor, mas a própria instituição em que essa relação acontece, juntamente com a familiar.

Todas as relações que permeiam os indivíduos, são alicerçadas pelo afeto, em qualquer faixa etária, independentemente do nível social e cultural. Nesse sentido, o professor representa um ponto crucial no relacionamento. Portanto, o professor precisa ter uma atenção especial voltado à realidade do aluno, fazendo com que o mesmo sinta-se motivado e disposto a fazer parte da troca entre ensinar e aprender. Para isso acontecer, é necessário que haja uma ponte família-escola, já que são dois ambientes principais de desenvolvimento humano.

Enfim, a afetividade está relacionada a todas as vivências dos sujeitos, a motivação de professores e alunos é determinada através da prática educativa. Que por meio do desenvolvimento cognitivo e afetivo da criança o professor pode acrescentar a afetividade em seu relacionamento pedagógico, e assim estar disposto a construir um ambiente propício ao amor.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, A. S. de. **A influência da afetividade na aprendizagem**. Unievangélica Centro Universitário. Especialização em Psicopedagogia Reeducativa. Brasília-DF, 2007. p. 43.

ANANIAS, M. **Propostas de educação popular em Campinas: “as aulas noturnas”**. Caderno do CEDES, 2000.

ARANTES, V. A. Afetividade e Cognição: rompendo a dicotomia na educação. In: OLIVEIRA, M. K.; TRENTO, D.; REGO, T. (org). **Psicologia, educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002.

AMAZONAS, M. C. L. A. et al. Arranjos familiares de crianças de camadas populares. **Psicologia em estudo**. 2003, p.11-20.

AMORELLI, A. B. M. **A importância da afetividade na aprendizagem**. Universidade Cândido Mendes, Pós-Graduação “Latu Sensu”, Projeto A Vez do Mestre. Rio de Janeiro, 2004.

BRITTO, D. F.; KASSIS, R. N. Do interesse escolar à aprendizagem significativa: a relação professor-aluno em um contexto motivador. Anais do Seminário de Produção Acadêmica de Anhanguera. SARE. Anhanguera, v.2. 2011.

BARTOLONE, P. I. **The changing family and early childhood education**. Childhood Education, 1981.

BEM-FADEL, S. E. **L’acquisition du langage écrit: une affaire communautaire**. Enfance, 2002.

BOCK, A. M. B. Psicologia e educação: cumplicidade ideológica. Em MEIRA, M. E. M.; ANTUNES, M. A. M. (org). **Psicologia escolar: teorias críticas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. p.70-104.

CARVALHO, M. E. P. **Relações entre família e escola e suas implicações de gênero**. Cadernos de Pesquisa, 2000.

CARVALHO, A. M. de; FARIA, M. A. de. A construção do afeto na educação. **Revista Eletrônica Saberes da Educação**. Vol. 1, n.1, 2010.

CAYRES, E. C. dias. **Família Brasileira no Contexto Histórico e Cultural**. Formação Continuada: Conselheiros dos direitos da criança e do adolescente. Conselheiros tutelares. Instituições conveniadas. Prefeitura Macaé, SP, 2000.

CURY, A. J. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.

DAVIES, D.; MARQUES, R.; SILVA, P. **Os professores e as famílias: a colaboração possível**. 2ª Ed. Lisboa Horizonte, 1997.

DANTAS, E. S.; SANTOS, M. J. dos; SANTOS, V. dos. **A afetividade e a construção de valores em sala de aula: ensinando com amor, aprendendo com carinho**, 2011

DELL'AGLI, B.; BRENELLI, R. A afetividade no jogo de regras. In: SISTO, F.; MARTINELLI, S. **Afetividade e dificuldades de aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica**. 1.ed. São Paulo: Vetor, 2006. p. 32.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. da C. **A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano**. 2007. p. 21-32.

DOLLE, J. M. **Para além de Freud e Piaget: referenciais para novas perspectivas em psicologia**. Petrópolis: Vozes, 1993.

EISENBERG, N. et al. **Parental reactions to children's negative emotion: Longitudinal relations to quality of children's social functioning**. Child Development, 1999. p.513-534.

ENSMINGER, M. E.; SLUSARCICK, A. L. **Path to high school graduation or dropout: A longitudinal study of a first-grade cohort**. Sociology of Education, 1992.

ESPINDOLA, M. C. A construção da afetividade. 2004. Disponível em: <http://www.espirito.org.br/portal/palestras/piaget/afetividade.html> Acesso em 30 de març. 2013.

FERRARI, M.; KALOUSTIAN, S.S. M. **Introdução. Família Brasileira: a base de tudo.** 2 ed. São Paulo, SP: Editora Cortez, Brasília: UNICEF, 1994. p.11-15.

FERREIRA, M. C. T.; MARTURATO, E. M. **Ambiente familiar e os problemas de comportamentos apresentados por crianças com baixo desempenho escolar.** Psicologia: Reflexão e crítica, 2002.

FERREIRA, A. B. de O. **Dicionário Aurélio Eletrônico Século XXI.** Rio de Janeiro. Ed. Nova Fronteira, Lexion Informática Ttda, nov. 1999. Disponível em: http://www.4shared.com/file/Gy64wFrW/Dicionrio_Aurlio_Eletrnico_-_S.htm. Acesso em: 30 de març. 2013.

FRIDJA, N. H.; MANSTEAD, A.; BEM, S. **Emotion and Beliefs. How feelings Influence Thoughts.** Maison des Sciences de l'Homme. Cambridge: University Press, 2000.

FUKUI, L. Família: conceitos, transformações nas últimas décadas e paradigmas. In: PALMA e SILVA, Luiz A.; STANISCI, S. A; BACHETTO, S. (org.). **Família: Aspectos conceituais e questões metodológicas em projetos.** Brasília, DF; São Paulo, SP: FUNDAP, 1998. p. 15-22.

GREENBERG, L. S.; RICE, L.N.; ELLIOT, R. **Facilitando el cambio emocional: el proceso terapêutico punto por punto.** Barcelona: Paidós, 1996.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional.** Rio de Janeiro, 1995.
KREPPNER, K. The child and family: Interdependence in developmental pathways. **Psicologia: teoria e pesquisa.** 2000. p. 11-12.

KIECKHOEFEL, J. C. As relações afetivas entre professor e aluno. **X Seminário Nacional de Educação – ADUCERE.** I Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2011. p. 2534-2543.

LAUREAU, A. **Social class differences in family-school relationships.** The importance of cultural capital. Sociology of Education. 1987.

LEITE, S. A. S.; TASSONI, E. C. M. A afetividade em sala de aula: condições do ensino e a mediação do professor. Em R. G. Azzi; A. M. F. A. Sadalha (Orgs.) **Psicologia e formação de docentes: desafios e conversas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002. p. 113-142.

LEDOUX, J. E. **El cerebro emocional**. Barcelona: Ariel Planeta, 1999.

LÓPEZ, J. S. I. **Educação na família e na escola**. Coleção O que é, como se faz? São Paulo:Loyola, 1999.

LOPES, R. de C. S. **A relação professor e o processo ensino aprendizagem**. 2009. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf> acesso em: 30 de març. 2013.

LUCKESI, C. C. **Elementos para uma didática no contexto de uma pedagogia para a transformação**. Conferência Brasileira de Educação, 3. Niterói, 12 a 15 de out, 1984. Simpósios. São Paulo: Loyola, 1984. p. 202-217.

MARQUES, R. **O envolvimento das famílias no processo educativo: resultados de um estudo em cinco países**, 2002.

MORAES, V. L. C. de; RUBIO, J. de A.. S. Cognição afeto se entrelaçam no processo de ensino e aprendizagem. **Revista Eletrônica da Educação**. Vol. 3, n.1, 2012.

NASCIMENTO, A. M. do. **População e família brasileira: ontem e hoje**. Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP. Caxambu, MG, Brasil. 18-22 de set., 2006.

OLIVEIRA, M. L. S.; BASTOS, A. C. S. Práticas de atenção à saúde no contexto familiar: um estudo comparativo de casos. **Psicologia: reflexão e crítica**, 2000, p. 97-107.

OLIVEIRA, Z. M. R. **Interações sociais e desenvolvimento: a perspectiva sócio-histórica**. Caderno do CEDES, 2000. p. 62-77.

PIAGET, J. **A relação da afetividade com inteligência no desenvolvimento da criança**. Vol. 26, n.3, 1962.

_____ **Aprendizagem e conhecimento**. Rio de Janeiro: Freitas bastos, 1979.

_____ (1954). **Intelligence and affectivity: relationship during child development**. Annual Reviews, Palo Alto-CA, (ed. USA, 1981).

_____ et al. **Abstração reflexionante. Relações lógico-elementares e ordem das relações espaciais**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____ **Inteligencia y afectividad**. Buenos Aires: Aique, 2001.

PANNIZZI, C. **A Relação Afetividade-Aprendizagem no Cotidiano da Sala de Aula: enfocando situações de conflito**. ISEP: Educação Fundamental, 2002.

PILETTI, N. **Psicologia educacional**. 17 ed. São Paulo: Ática, 2004.

PINO, A. O biológico e o cultural nos processos cognitivos em linguagem, cultura e cognição: reflexão para o ensino de ciências. **Anais do encontro sobre teoria e pesquisa em ensino de ciências**. Campinas: Gráfica da Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1997, p. 5-24.

PINTO, F. E. M. O sujeito psicológico e as interfaces com as dimensões psíquicas: Um breve diálogo sobre a afetividade. *Periódico Claretiano – Revista do Centro Universitário*. n. 6, Batatais, São Paulo, 2006. (2010). Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0538.pdf> acesso em: 30 de março. 2013.

PRADO, D. **O que é família**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. p. 95.

POLONIA, A. da C.; DESSEN, M. A. Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola. **Psicologia Escolar e Educacional**. Vol.9, n.2, 2005. p. 303-312.

REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 3 Ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____ **Memórias de escola: cultura escolar e constituição de singularidades**. Petrópolis. Editora: Vozes, 2003.

ROSSO, A. J. **A correlação no contexto do ensino de biologia: implicações psicopedagógicas e epistemológicas**. Florianópolis: UFSC, 1998.

SILVA, J. B. C.; SCHNEIDER, E. J. Aspectos socioafetivos do processo de ensino e aprendizagem. **Revista de divulgação técnico-científica do ICPG**. v.3, n.11, p. 83-87, jul-dez. 2007.

SOUZA, I. C. P., et al. **A relevância da efetividade na educação**. Disponível em: http://www.unijales.edu.br/unijales/arquivos/28022012100153_242.pdf acesso em: 30 de març. 2013.

STRATTON, P. **Contemporary families as contexts for development**. In: Valiner, J.; Connolly, K. (orgs.). London: Plano, 2001. p. 333-357.

TASSONI, E. C. M. **Afetividade e aprendizagem**: A relação professor e aluno. Anuário 2000. GT Psicologia da educação, Anped, setembro, 2000.

ULLER, W. **Afetividade e cognição**. Material de apoio apresentado ao Programa de Desenvolvimento Educacional-PDE. Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2007. p. 51.

VOLLING, B. L.; ELING, J. **Family relationships and children's emotional adjustment as correlates of maternal and paternal differential treatment: a replication with toddler and preschool siblings**. Child Development. 1999. p. 513-534.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

_____ **Teoria e método em psicologia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

_____ **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____ **Psicologia pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. Ed. 70. Lisboa, 1968.

_____ **A atividade proprioplástica**. In: NADEL-BRULFERT, J.; WEREBE, M. J. G. Henri Wallon (antologia). São Paulo: Ática, 1986.